

Concentração de inovações tecnológicas nas “big techs” é ameaça à democracia



Aconteceu na quinta-feira (6), na capital fluminense, a “Jornada sindical internacional: Inteligência Artificial (IA) no sistema financeiro”, evento realizado pela UNI Américas Finanças, o braço regional do sindicato global que representa trabalhadores do setor financeiro no continente, e pela SASK (sigla para o Centro de Solidariedade Sindical da Finlândia), com o apoio da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT) e do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro (Seeb-RJ).

O evento foi dividido em cinco mesas de debates, onde foram aprofundados os impactos da IA no emprego e no sistema financeiro mundial; experiências do uso das novas tecnologias nos processos de negociação coletiva; e os desafios nas mesas de negociação, diante da revolução tecnológica.

Durante sua exposição, a presidenta da Contraf-CUT e vice-presidenta da CUT, Juvandia Moreira, alertou que as mudanças tecnológicas não estão sendo neutras, ou seja, não estão atingindo de forma igual todas as camadas sociais. “Essa neutralidade não existe porque, no capitalismo, a IA é comandada e controlada por grandes corporações que têm como principal objetivo maximizar seus lucros, concentrando ainda mais a renda nas mãos de poucos, em detrimento da maioria”, explicou.

Atualmente um pequeno grupo de empresas, as chamadas “big techs”, controlam as tecnologias mais utilizadas por pessoas, empresas e governos. “Essa concentração permite que essas big techs tenham forte influência no mundo, a ponto de ameaçar a soberania digital e a autonomia da classe trabalhadora, portanto a própria democracia”, aprofundou Juvandia Moreira.

Regulação é necessária

Uma das estratégias articuladas pelo movimento sindical no Brasil para reverter o impacto negativo de concentração do controle das tecnologias é a participação em debates públicos sobre regulação. “As centrais sindicais estão defendendo, junto ao governo, ao Senado e à Câmara dos Deputados, a regulação do uso da Inteligência Artificial. Para isso, estamos acompanhando de perto o Projeto de Lei nº 2.338/2023, relacionado aos fundamentos e desenvolvimento da IA no país e que tramita no Congresso Nacional”, completou a vice-presidenta da CUT.

Avanços de negociações coletivas

Outra proposta defendida pela classe trabalhadora, de forma a garantir uma transição tecnológica justa, é o estímulo aos programas de requalificação profissional. Sobre esse ponto, a presidenta da Contraf-CUT ressaltou que as mulheres são as mais afetadas pela extinção de empregos tradicionais. “Isso acontece porque as áreas tecnológicas, especialmente o setor de TI, ainda são predominantemente representadas por homens”.

IA em benefício das negociações

“O dia de hoje foi extremamente produtivo e interessante, porque discutimos não só o impacto da IA no mercado de trabalho, na estruturação do trabalho, mas sobre a utilização no dia a dia do mundo sindical. Afinal, precisamos garantir que a IA também resulte em benefícios aos trabalhadores”, ressaltou a secretária de Relações Internacionais da Contraf-CUT, Rita Berlofa.